

Sebastião de Magalhães Lima foi uma das figuras emblemáticas do republicanismo português nas últimas duas décadas do século XIX e depois nas duas primeiras da centúria seguinte. Fez parte do Directório do Partido Republicano Português durante muitos anos, teve um papel destacado na propaganda na imprensa e na qualidade de prolífero publicista e conferencista. Foi autor de uma vasta obra – uma trintena de títulos entre livros e folhetos – sem contar com uma intensa colaboração em revistas e jornais, incluindo os que dirigiu durante muito tempo, como *O Século*, *Vanguarda* e *A Folha do Povo*, e que ficaram célebres nessas décadas que antecederam a mudança e regime. Poucos republicanos, como ele, alcançaram uma projecção internacional de tanto destaque, conferida, em larga medida, pela sua militância pacifista – foi co-fundador da Liga Portuguesa da Paz em 1899 – nas associações de imprensa e do livre-pensamento e também pela sua qualidade de Grão-mestre do Grande Oriente Lusitano Unido Supremo, Conselho da Maçonaria Portuguesa, cargo que ocupou desde 1907 até à sua morte, em 1928. Essa notoriedade além-fronteiras facilitou a sua acção como «caixeiro-viajante da República», como foi designado, nomeadamente na missão preparatória ao estrangeiro, empreendida em 1910, juntamente com José Relvas e Alves da Veiga, e que foi fundamental junto do governo inglês. Utilizou depois esse prestígio em benefício da consolidação da jovem República Portuguesa. Foi amigo de Anatole France, Vitor Hugo, Kropotkine, Frederico Passy, Anatole France, Gladstone, Jean Jaurés, Amilcare Cipriani, Millerand, Salmeron, Max Nordeau e Pi y Margal. No entanto, tendo em conta um currículo de tal dimensão, a sua carreira política depois de 1910, foi modesta. Tomando assento na Assembleia Constituinte e depois no senado, até 1915, mas com raras presenças, entrecortadas com frequentes idas ao estrangeiro; ocupou por breves semanas a pasta da Instrução no governo saído da Revolução de 14 de Maio de 1915, que derrubou Pimenta de Castro. Bem pouco, afinal, para uma biografia tão extensa e relevante, embora ele próprio tenha declarado que só muito instado aceitou. Para uma personalidade com os contactos internacionais que possuía, a Presidência da República não teria sido demais. No entanto, nas eleições presidenciais de 1911 teve um único voto em 217, e nas de 1919 também um voto solitário em 181. Nas de 1923, quando foi eleito Teixeira Gomes, chegou a formar-se uma comissão para promover a sua candidatura, animada por Teófilo Braga, Botto Machado e Alexandre Ferreira. Mas em vão: sem o apoio das forças partidárias, teve um voto num total de 197...

decididamente, os tempos não eram favoráveis aos idealistas. É que Magalhães foi, acima de tudo, um idealista com uma certa dose de ingenuidade.

Internamente, o facto de ter sido republicano desde os tempos de estudante não toldou a sua capacidade crítica, fazendo diversas intervenções, durante a Primeira República, no sentido da pacificação do campo republicano e da correcção de erros que estavam a ser praticados. Republicano federalista, apesar de as suas ideias não terem sido consagradas na Constituição de 1911, nem por isso renunciou a elas, que também se incluíam uma constante preocupação social que lhe granjeava um enorme prestígio entre as classes trabalhadoras.

Ao longo da sua vida, Magalhães Lima foi um modelo de honestidade e de coerência em relação aos seus ideais. Numa entrevista de 1911, afirmava: «Se for preciso recomeçar a minha vida para defender a Liberdade fá-lo-ei sem a menor hesitação. Sempre com a Liberdade contra a Reacção, venha esta de onde vier! O que enfim lhe posso assegurar é que vigiarei de perto a marcha da República e que qualquer recuo ou estacionamento será absolutamente impossível, seja qual for o governo. Tenho de resto uma absoluta confiança no espírito republicano que hoje domina o país, e que, acredita, ninguém já hoje poderá soffrear. O meu temperamento foi sempre o de um propagandista e nessa situação me conservarei ao lado dos meus amigos com a mocidade espiritual e a dedicação republicana que felizmente não me abandonaram ainda...».